

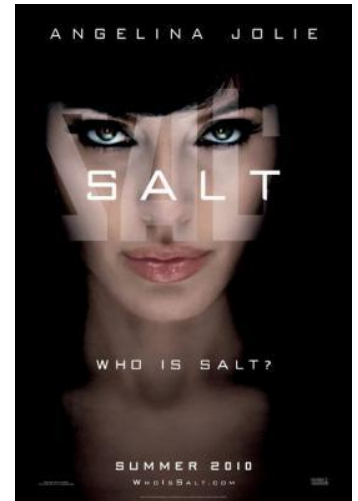
Conteúdos temáticos: Alguns exemplos de textos dos Media

1. A Crítica de Cinema

Salt **Phillip Noyce, 2010**

Reza a lenda que quando perguntaram à Angelina Jolie se estava interessada em ser uma Bond Girl ela terá respondido: «Não, eu quero ser Bond». Como Hollywood costuma ser cortês para com quem dá dinheiro a ganhar à indústria, cedo se começou a pensar numa forma de satisfazer esse desejo. A solução passou então por Salt, um thriller de espionagem que Tom Cruise recusou protagonizar por ser demasiado parecido a Mission Impossible.

Mas Salt não é Bond e não o é por culpa de um erro estrutural crasso do argumentista Kurt Wimmer. Sim, o argumento tem mais buracos que as estradas nacionais e as leis da física são violadas de uma maneira que faria Newton atirar-se de cabeça contra uma macieira. Mas tudo isso seria desculpável se o filme conseguisse cumprir os mínimos que são exigidos a um filme de acção: entreter e criar empatia com o público.



Ora pensemos em James Bond. Todos os filmes de Bond têm um protagonista que acompanhamos, acarinhámos e conhecemos. A história desenrola-se segundo o seu ponto de vista. Durante a maior parte da narrativa sabemos quando ele mente, sabemos o que ele sabe, e desconhecemos o que ele desconhece. O mesmo acontece na saga Bourne e nos Mission Impossible. Podem existir excepções em determinados momentos do enredo mas nunca desde o início do filme. É uma regra elementar para qualquer filme de acção que se preze.

Por estranho que pareça, em Salt acompanhamos a história pelo ponto de vista dos supostos antagonistas. Passamos o filme sem saber quais as verdadeiras intenções da protagonista, o que impede a criação de qualquer vínculo emocional com o personagem. Obviamente que se não nos importamos com a sobrevivência do personagem principal, por mais explosões e cenas de acção magistralmente coreografadas que nos mandem para cima, o filme acaba por não nos interessar.

Sem essa ligação directa ao coração dos espectadores, Salt não é mais do que um filme de espionagem banal e espalhafatoso que leva demasiado a sério os clichés que minam o argumento.

Ninguém duvida que Angelina possa de facto fazer frente a James Bond (com este filme só vem demonstrar que actualmente é das poucas actrizes com estofos para levar às costas um filme de acção tipicamente masculino), mas ainda não é desta que consegue destronar o rei dos agentes secretos. Esperamos ansiosamente por uma próxima oportunidade.

Sítio Oficial | IMDb
J.B. Martins, 2010
<http://www.rascunho.net/>

2. A crítica literária:

A Menina que Roubava Livros – Markus Zusak

Raros autores revelam uma poética tão inteligente, refinada, bem-humorada e sarcástica como Markus Zusak. A poesia que perpassa “A Menina que Roubava Livros” emociona o leitor sem ser piegas, desperta nele tanto alegria como tristeza, tanto revolta, quanto um certo conforto

moral. Há muito tempo o escritor pensava em escrever sobre um personagem que furtava livros, mas sua ideia ainda não estava amadurecida. Quando pensou em unir este desejo ao de retratar o que seus pais haviam experimentado na época do Nazismo, nasceu este livro inesquecível.

Markus destaca neste romance a importância das palavras em um dos momentos mais dolorosos já vividos pela Humanidade. Realmente, ao lado da protagonista, Liesel Meminger, e de seu companheiro de aventuras Rudy Steiner, brilham as palavras, personagens especiais deste enredo, sempre no centro da acção, nas entrelinhas ou na tessitura da narrativa. Palavras que constroem e destroem, que Liesel ama e odeia. As cores também se sobressaem nesta história que se passa na época do Nazismo, em plena Alemanha hitleriana, narrada por ninguém menos que a Morte, sob o ponto de vista desta e com seus comentários geniais intercalados à narrativa. Aliás, esta narradora tem um jeito bem peculiar de interpretar as lembranças de Liesel, gravadas em seu diário – na verdade um livro, no qual a menina se reconcilia com as palavras e grava a essência de sua existência -, perdido durante a Guerra e resgatado pela Morte, que o traduz ao leitor.

Para a narradora, não importa saber o que vai ocorrer no final do romance, o mistério suspenso, mas sim o trajecto narrativo e toda a riqueza inerente a ele – os recursos estilísticos, a prosa poética, a magia oculta nas entrelinhas, a emoção e o humor inusitado que se revelam aqui e ali, as surpresas linguísticas, as tiradas meta-narrativas, muitas vezes irónicas, doadas ao leitor pelo autor, através de sua narradora. Desta forma, o escritor questiona a narrativa tradicional, os mecanismos estratégicos que geram e mantêm o suspense, até a solução final do enigma, os quais condicionam a história à resolução deste, desprezando muitas vezes o valor da narração, as riquezas que dela podem ser extraídas. O autor propõe aqui uma valorização do percurso, dos recursos narrativos, da apropriação da linguagem como o próprio núcleo do enredo.

Nesta obra, o autor, através da Morte, tenta provar a si mesmo e ao leitor que a vida, apesar de tudo, vale a pena. Ele se confronta com os fantasmas de seu próprio passado, presentes na trajetória de sua família durante o Nazismo. Reflexões inusitadas, de pura ironia lírica, conquistam os que lêem este romance, desde as primeiras linhas, quando se percebe claramente quem é a contadora desta e de outras histórias, e qual é o seu estilo. Mesmo assim, pode-se dizer que cada etapa da leitura nos surpreende e encanta, até quando acreditamos que o autor já esgotou toda a sua capacidade criativa. Passagens como “As labaredas cor de laranja acenavam para a multidão, à medida que papel e tinta se dissolviam dentro delas. Palavras em chamas eram arrancadas de suas frases”, referentes a uma fogueira de livros proibidos, dão espaço a outras ainda mais poéticas e irónicas. Elas sucedem-se na tentativa de transmitir ao leitor o clima perturbador que pairava sobre a Alemanha Nazista.

Os caminhos da Morte e de Liesel Meminger se cruzam três vezes entre 1939 e 1943. Mas Liesel é uma sobrevivente, o que impressiona a ceifadora de vidas. Assim esta, fascinada pela garota, decide narrar sua história, ao se apropriar involuntariamente de seu diário. Esta narrativa é apenas uma entre as que a Morte poderia contar, escolhida no acervo de experiências que ela transporta em si, tentando compreender a natureza humana e a importância de sua existência. Liesel também está em busca do sentido de tudo que vive, em meio à miséria, à morte e à destruição. Nesta cruzada pela compreensão da essência da vida, a garota é guiada pelas palavras, que coincidentemente ou não a perseguem desde sua primeira perda, a do irmãozinho que ela vê morrer a seu lado, em um trem no qual é levada para uma nova vida, não necessariamente desejada por ela. Neste momento, ela se encontra diante da primeira oportunidade de furtar um livro, e é justamente a companhia das histórias que dão à menina, no centro da destruição provocada pela guerra – que oferece à Morte um trabalho redobrado -, um eixo de sustentação e um certo sentido para sua existência.

Todos um dia terão um encontro marcado com a narradora desse livro, mas apenas Liesel Meminger tem o privilégio de ter sua história narrada por ela. Mas também não é qualquer um que sobrevive a uma guerra como esta, vendo tudo e todos desabarem à sua volta, não é qualquer uma que amadurece e permanece viva ao encontrar um propósito maior para sua vida, justamente nas páginas de um livro, ou posteriormente, de um diário. Sim, parece que a Morte, ao contrário de todos os prognósticos, tem coração, e o revela ao escolher a trajetória

de Liesel para transmitir ao leitor. Aliás, há muitas passagens em que esta narradora revela seu lirismo, sua ternura, seus cuidados com almas exaustas e envenenadas pela dor e pela crueldade da Guerra, até mesmo sua indignação e revolta com os extremos da desumanidade que atingem os requintes nazistas. Nestes momentos, a Morte, que é uma ótima observadora, percebe reflexos desta ideologia bárbara na própria Natureza, ora na “fuga das próprias nuvens”, ora nos contornos loiros do Sol ou no imenso e assustador “olho azul do ar” que não se consegue mais respirar.

Outras histórias dentro da história aparecem ao longo do enredo – as dos livros roubados pela Menina, as dos que ela ganha em seus aniversários, desde as narrativas inerentes às obras até as que envolvem seu furto ou a forma como foram presenteados – cigarros trocados por livros, ou histórias escritas e pintadas em um livro como o “Mein Kampf” (“Minha Luta”), de Adolph Hitler. Cada uma destas estórias é um retrato a seu modo da Alemanha Nazista, e enriquece ainda mais a narrativa principal. Cores, desenhos, palavras, livros, aventuras vividas por Liesel e Rudy, amizades construídas sobre a dor, a miséria, a luta pela sobrevivência, como a da garota e seu pai adoptivo, Hans, e a da menina com Max, um judeu que cruza sua vida e a marca definitivamente. Desta forma o autor vai tecendo o panorama desta época sombria, compondo seus contornos cada vez mais macabros, mas também permeados por aventuras infantis e sentimentos nobres.

Markus Zusak é um escritor que se revela cada vez mais brilhante. Autor de “Fighting Ruben Wolfe”, “Getting the Girl” e “I Am the Messenger”, recebidos com aclamação pela crítica, obteve o Prêmio Livro do Ano para Leitores mais Velhos, doado pelo Conselho Australiano de Livros Infantis. Este australiano de 32 anos mora actualmente em Sydney, na Austrália.

Fonte: <http://www.infoescola.com/literatura/a-menina-que-roubava-livros/>

Para ler outras Críticas literárias:

<http://notidiario.blogspot.com/2005/10/opinies-sobre-livros.html>

<http://portalivros.wordpress.com/2011/04/18/tiago-rebelo-regressou-com-%C2%ABuma-noite-em-nova-iorque%C2%BB/>

3. A Entrevista:

. Entrevista com Joaquim de Almeida a propósito da sua participação no Filme *Velocidade Furiosa 5* (Vídeo) – disponível in www.sebentadigital.com
<http://video.pt.msn.com/watch/video/velocidade-furiosa-5-hd-entrevista-com-joaquim-de-almeida/zvq7lk23>

. Entrevista impressa:

<http://aeiou.visao.pt/premio-camoes-manuel-antonio-pina=f602460#commentbox> (Vencedor do Prémio Camões 2011: Manuel António Pina)

4. A Reportagem Televisiva

. Espelho Trágico Em Reportagem: anorexia: <http://www.youtube.com/watch?v=klTImT7UCZY>
(disponível in www.sebentadigital.com)

5. A Crónica

. Crónica humorística de Ricardo Araújo Pereira in:

<http://sebentadigital.com/2011/05/18/cronica-de-um-casamento-e-um-funeral/>

. Crónica radiofónica in:

<http://sebentadigital.com/2008/05/17/cronica/>